



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

ALESSANDRA SILVA PEDREIRA  
MARIA LAINE SOUZA DA COSTA

**AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS DA  
QUALIFICAÇÃO DO PROFESSOR**

**JOÃO PESSOA-PB**

**2017**

**ALESSANDRA SILVA PEDREIRA**

**MARIA LAINE SOUZA DA COSTA**

**AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS DA  
QUALIFICAÇÃO DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para parcial e obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. JANINE MARTA COELHO RODRIGUES.

**JOÃO PESSOA–PB**

**2017**

P371a Pedreira, Alessandra Silva.

Autismo na educação infantil: desafios da qualificação do professor / Alessandra Silva Pedreira, Maria Laine Souza da Costa. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
39f.

Orientadora: Janine Marta Coelho Rodrigues  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Autismo. 2. Educação infantil. 3. Professor - capacitação.  
I. Costa, Maria Laine Souza da. II. Título.

**ALESSANDRA SILVA PEDREIRA**  
**MARIA LAINE SOUZA DA COSTA**

**AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS DA QUALIFICAÇÃO DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial de obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Janine Marta Coelho Rodrigues

---

Prof. Dr Roberto Derivaldo Anselmo

---

Prof. Dr Magno Alexon Bezerra Seabra

## Dedicatória

Dedicamos este trabalho a todas as crianças autistas, e a todos que contribuíram em nossa formação acadêmica e na conclusão deste trabalho.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a DEUS pela sua infinita misericórdia e bondade sobre minha vida, por ter me guiado, me dado força, sabedoria e fé para realizar o meu sonho de chegar aonde eu cheguei.

Aos meus pais, Sandra e Obdoral, minha eterna Gratidão. Obrigada por todo apoio, por toda ajuda financeira para que eu pudesse ter uma boa educação e por sempre me incentivarem a nunca desistir.

Ao Jeziel, meu namorado , a quem sempre me incentivou , agradeço por me ajudar, me compreender, pelo companheirismo e seu amor prestado a mim nos momentos em que eu mais precisei.

A minha amiga Maria Laine, a qual compartilhou comigo essa longa jornada acadêmica, obrigada por todos os momentos vividos, por sua amizade e por todo aprendizado compartilhado.

A minha professora orientadora Janine Marta, pela paciência, bondade e atenção que nos dedicou em todo esse processo. Muito Obrigada!

Às demais pessoas que direta ou indiretamente influenciaram ou contribuíram para esta conquista.

Alessandra Silva Pedreira

## **AGRADECIMENTO**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por sempre estar comigo me iluminando em toda a minha vida, por ter me dado saúde e forças para superar as dificuldades.

Aos meus pais, Célia e Lucas por sempre ter confiado em mim, me ajudando e apoiando, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida. Obrigado por sempre me incentivarem e nunca desistirem de mim!

Ao meu Marido Raphael e meu filho Gustavo, pelo incentivo e amor incondicional, me dando forças quando pensava em desistir.

As minhas irmãs e amigas, Laize, Lavínia, Beatriz e Vânia que sempre que podiam me ajudaram nos momentos mais difíceis.

A Pe.Orazio, que me ajudou financeiramente nos meus estudos.

A minha amiga de longa jornada Alessandra, que sempre esteve presente na minha vida, compartilhando vários momentos acadêmicos. Agradeço pela sua infinita amizade.

A minha orientadora Janine Marta, pelo suporte e paciência no pouco tempo que lhe coube, nos ajudando em tudo que fosse preciso.

E a todos que fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

Maria Laine Souza da Costa

Todo autista é único! Como pessoas únicas, devem ser conduzidos por caminhos que os falam transcender. Por isso, ensine-o de diversas maneiras, pois ele conseguirá aprender.

(Simone Helen Drumond Ischkanian)

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema “Autismo na Educação Infantil” abordando a importância e desafios da formação do professor. O tema Autismo, ainda é pouco conhecido por profissionais da área da educação, bem como, por demais profissionais que tem a responsabilidade de lidar com o transtorno, considerado o transtorno invasivo do desenvolvimento. Porém é um tema que vem sendo discutido com maior frequência e que atualmente, devido à demanda de alunos com autismo que são inseridos em ambiente escolar regular, muito vem se especulando sobre sem que haja um foco que defina o que realmente é o autismo e como se deve realizar a educação deste aluno. Por este motivo, o presente trabalho, visa averiguar as dificuldades que os professores tem para serem capacitados e para realizar a educação do aluno diagnosticado com este transtorno invasivo do desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental realizado durante todo o período de elaboração do TCC. Neste estudo percebe-se a necessidade de a escola, os pais e os professores estarem preparados para receber essas crianças em um ambiente acolhedor, de aprendizagem e sociabilidade.

Palavras- chave: Autismo, Educação, Capacitação do Professor.

## ABSTRACT

The present work has as the theme "Autism in Infant Education" addressing the importance and challenges of the formation of the teacher. The autism theme, is still little known for educational professionals, as well as, by other professionals who have the responsibility to cope with the disorder. However it is a topic that has been discussed more frequently and that currently due to the demand of students with autism that are inserted into regular school environment, much has been speculating on without there being a focus that defines what really is autism and how to accomplish the education of this student. For this reason, the present work aims to ascertain the difficulties that teachers have to be empowered and to carry out the education of the student diagnosed with this disorder. This is a bibliographical and documentary survey conducted throughout the preparation period of TCC. In this study we can see the need for school, parents and teachers are prepared to receive these children in a welcoming, learning and sociability environment.

Keywords: autism, education, teacher empowerment.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 A Criança Autista .....	17
2.2 Modelos de Atendimento .....	19
3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL .....	23
3.1 Proposta Curricular do Curso de Pedagogia.....	27
4 PERCUSO METODOLOGICO .....	29
4.1 Caracterização da Pesquisa.....	29
4.2 Procedimentos de coleta de dados .....	30
4.3 Análises de Dados .....	30
5 RESULTADOS E DISCUSÃO.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
7 REFERÊNCIAS .....	38

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABA-Análise Comportamental Aplicada.

PECS- Sistema de Comunicação por Troca de Figuras

TEACCH-Tratamento e Educação para Autistas e Crianças Déficits Relacionados à Comunicação

CID-10- Código Nacional de Doenças.

LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

DSM- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

## 1 INTRODUÇÃO

Educar uma criança com autismo representa, sem dúvida, um desafio para todos os profissionais da Educação. A singularidade e a insuficiência de conhecimento sobre a síndrome nos fazem percorrer caminhos ainda desconhecidos e incertos sobre a melhor forma de educar essas crianças e sobre o que podemos esperar de nossas intervenções.

O autista, foco desta pesquisa, possui um “mundo diferente” e precisa estar envolvido com profissionais habilitados para que possa ocorrer um trabalho pedagógico eficiente, pois se o mesmo estiver em contato com pessoas que não entendem a realidade desta síndrome, não terá possibilidade de avanços em sua interação e aprendizagem.

O que nos motivou a fazer a pesquisa sobre Autismo na Educação Infantil e a importância e desafios da qualificação do professor foi o fato de termos recebido crianças autistas onde trabalhávamos e, presenciarmos situações nas quais percebemos que não estávamos preparadas para trabalhar, como sua maneira de comunicar-se, por exemplo.

Cada vez mais o autismo vem sendo foco de pesquisa na atualidade por ser um distúrbio do desenvolvimento que apresenta no indivíduo durante toda vida. Seus sintomas estão associados à comunicação, interação social e comportamento que podem ser observadas no início da infância.

Por suas características citada acima, percebemos o quão difíceis aos pais, à escola e aos professores interagirem com uma criança autista, pois por muitas vezes se torna agressiva, com hábitos repetitivos, entre outros sintomas.

Nosso trabalho teve como objetivo geral abordar o autismo na educação infantil à luz de teorias que explicam as causas, as consequências e as possibilidades de atendimento expandindo o conhecimento sobre o autismo e melhorando a qualificação do professor.

Portanto, para realizar este trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica, fundamentada na reflexão de leitura de livros e artigos, sites e revistas. Analisamos as ementas das disciplinas: Psicologia da Educação I, Psicologia da Educação II, Didática, Avaliação da aprendizagem, Teoria do Desenvolvimento I e Teoria do Desenvolvimento II do Curso de Pedagogia, bem como pesquisa de grandes autores referentes a este tema.

De acordo com o objetivo geral contemplamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as características do autista
- Ampliar o conhecimento sobre autismo
- Verificar se os professores de Educação Infantil estão capacitados para trabalhar com crianças autistas

Este trabalho de Conclusão de Curso-TCC, portanto, está composto por dois capítulos assim organizado:

No primeiro capítulo fizemos um percurso histórico conceituando o autismo, abordando as características da criança autista e alguns métodos utilizados como ABA, TEACCH e PECS para desenvolvimento da criança com TID (Transtorno Invasivo do Desenvolvimento).

No segundo capítulo falamos da importância da formação do professor para lidar com a criança autista e a Proposta Curricular do Curso de Pedagogia.

No terceiro capítulo, delineamos os passos da nossa pesquisa, os dados coletados e analisados. Por fim, produzimos nossas considerações finais.

Finalmente concluímos que as dificuldades do professor para lidar com criança autista dão-se pela fragilidade do seu processo formativo conforme percebemos na elaboração deste TCC.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO: Estudando e compreendendo o Autismo**

### **2.1 Conceituando o Autismo**

Nos momentos atuais, a discussão em torno do autismo nos atrai a conhecer por um longo e complexo campo de investigações marcado por incoerências e contestações. Por volta dos anos 40, foi iniciado uma série de discussões e formulações teóricas acerca do que hoje é conhecido, como “autismo”, quando Leo Kanner (1943) definiu o referido termo. Autismo foi o termo empregado pelo autor para definir indivíduos abordados por um distúrbio do contato afetivo, isentos de linguagem, inabilitados de efetuar trocas sócio-afetivas com o outro, estando imersos e reclusos em seus próprios mundos interiores.

O psicólogo chegou a dizer que as crianças autistas já nasciam assim, dado o fato de que o aparecimento da síndrome era muito precoce. Na medida em que foi tendo contato com os pais destas crianças ele foi mudando de opinião. Começou a observar que os pais destas crianças estabeleciam um contato afetivo muito frio com elas, desenvolvendo então o termo “mãe geladeira” para referirem-se as mães de autistas, que com seu jeito frio e distante de se relacionar com os filhos promoveu neles uma hostilidade inconsciente a qual seria direcionada para situações de demanda social. Após algumas reflexões, este mesmo autor, em 1949, define o autismo infantil precoce, caracterizando-o por dificuldade profunda no contato com as pessoas, um desejo obsessivo de preservar as coisas e as situações, uma ligação especial aos objetos e a presença de uma fisionomia inteligente, além das alterações de linguagem que se estendiam do mutismo a uma linguagem sem função comunicacional, revelando inversão pronominal, neologismos e metáforas. O autismo infantil precoce ainda está intimamente relacionado à esquizofrenia infantil, podendo ser uma manifestação prematura desta patologia.

A palavra “autismo” deriva do grego “autos”, que significa “voltar-se para si mesmo”. A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler para se referir a um dos critérios adotados em sua época para a realização de um diagnóstico de Esquizofrenia. Estes critérios, os quais ficaram conhecidos como “os quatro ‘A’s de Bleuler, são: alucinações, afeto desorganizado, incongruência e autismo. A palavra referia-se a tendência do esquizofrênico de “ensimesmar-se”, tornando-se alheio ao

mundo social – fechando-se em seu mundo, como até hoje se acredita sobre o comportamento autista, ou seja, a alienação ao mundo em sua volta.

Desta forma, autismo durante as primeiras décadas do século passado referia-se, em psiquiatria, à tendência do esquizofrênico de ensimesmar-se, alhear-se do mundo social, colocar-se em um mundo à parte. O autismo bleuleriano coincidia com a teoria freudiana sobre o autoerotismo, desde que ficasse excluído o eros, acentuando a perda da realidade e mais particularmente o aspecto da vivência de uma outra realidade.

O autismo em 1943, caracterizado por Leo Kanner tornou-se um dos desvios comportamentais mais estudados, debatidos e disputados, que teve o mérito de identificar a diferença do comportamento esquizofrênico e do autismo. Até hoje, sua descrição clínica é utilizada da mesma forma, que foi chamado de Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo – Síndrome Única.

Porém no mesmo ano de 1943 Asperger propôs um estudo com definições similares à de Kanner, onde propunha uma abordagem Autística. Em 1983, as Síndromes de Asperger fora reconhecida e deixou de ser considerado autismo, a Associação Americana de Psiquiatria criara o termo Distúrbio Abrangente do desenvolvimento e em 1987, desta forma o Autismo deixa de ser uma psicose infantil.

A Tríade é responsável por um padrão de comportamento restrito e repetitivo, mas com condições de inteligência que podem variar do retardo mental a níveis acima da média.

Atualmente, o diagnóstico de autismo deve ser visto como pertencente aos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) ou (TEA) Transtorno Espectro Autístico. Estes termos se referem a um grupo de quadros clínicos diagnosticados em crianças cujo comportamento apresenta o tripé de sintomas.

Com a publicação da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), pela Associação Americana de Psiquiatria, há somente uma denominação: *Transtorno do espectro autista* que está descrito dentre os *Transtornos do Neurodesenvolvimento*. O termo é utilizado na área médica e possibilita o diálogo entre os diferentes profissionais, com o objetivo de universalizar os diagnósticos.

De todas as doenças já descritas, poucas causaram (e ainda causam) tanta confusão quanto o autismo. Um dos fatos que contribuem para isto é o fato de que não há exames capazes de determinar o diagnóstico de autismo, estabelecido somente com base na avaliação médica e na observação do comportamento.

Petersen& Wainer (2011) discorre que:

Para identificar os critérios diagnósticos para o autismo é preciso possuir experiência e especialização, pois eles apresentam um alto grau de especificidade e sensibilidade em grupos de diversas faixas etárias e entre indivíduos com habilidades cognitivas e de linguagem variadas (p.87)

O diagnóstico é baseado na realização da tríade autista, ou seja, nas áreas de interação social, comunicação e comportamentos restritos.

O autismo passa constantemente por um processo de investigação no que diz respeito a sua definição, sendo, no entanto considerado o mais grave distúrbio da comunicação humana, associado às diversas síndromes.

De acordo com o DSM-5, a criança apresenta sintomas do transtorno do espectro autista antes de um ano de idade, quando começa a apresentar falta de interesse nas relações com o outro.

O DSM-5 destaca também que no diagnóstico do transtorno do espectro autista, as características clínicas individuais são registradas por meio do uso de especificadores (com ou sem comprometimento intelectual concomitante; com ou sem comprometimento da linguagem concomitante; associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental), bem como especificadores que descrevem os sintomas autistas (idade da primeira preocupação; com ou sem perda de habilidades estabelecidas; gravidade). Tais especificadores oportunizam aos clínicos a individualização do diagnóstico e a comunicação de uma descrição clínica mais rica dos indivíduos afetados. Por exemplo, muitos indivíduos anteriormente diagnosticados com transtorno de Asperger atualmente receberiam um diagnóstico de transtorno do espectro autista sem comprometimento linguístico ou intelectual.

Todas as pessoas com autismo têm um modo diferente de aprender, organizar e processar as informações. E temos que respeitar estas diferenças, elas precisam de ambientes bem estruturados e organizados, porque normalmente os autistas têm dificuldades em mudarem suas rotinas diárias.

Instituições educacionais com boas estruturas, profissionais especializados, possibilitam que o tratamento seja mais apropriado para os portadores de autismo em seus diversos graus de comprometimento. Quando conseguimos estabelecer um vínculo com cada um deles, buscando proporcionar um ambiente terapêutico, onde eles possam

se sentir acolhidos, observamos um desabrochar na forma de se relacionarem, cada um se colocando com a característica que lhe é peculiar.

Assumpção e Pimentel (2000) afirmam que as causas do autismo são desconhecidas, porém varias doenças neurológicas e/ou genéticas foram apresentadas como sintomas do autismo. Problemas cromossômicos, gênicos, metabólicos e mesmo doenças transmitidas/adquiridas durante a gestação, durante ou após o parto, podem estar associados diretamente ao autismo. Leboyer menciona que:

[...] A lista de situações patológicas é muito extensa e inclui fatores pré, Peri e neonatais, infecções virais neonatais, doenças metabólicas, doenças neurológicas e doenças hereditárias. Apesar da ausência aparente de ligação entre elas, um ponto comum às reúne: todas as patologias são suscetíveis de induzir uma disfunção cerebral que interfere no desenvolvimento do sistema nervoso central.(LEBOYER,2005,p.60).

O autista tanto na linguagem verbal como na linguagem não verbal, apresenta uma forma bem diferente dos padrões habituais, pois possuem uma linguagem repetitiva e estereotipada, não conseguindo iniciar e manter uma conversa. Caracterizado com ecolalia, segundo Lamônica (1992) cerca de setenta e cinco por cento das crianças autistas que falam, apresentam ecolalia.

## 1.2 A Criança Autista

A criança autista tem suas características de acordo com seu caso, para uns é mais leve e para outros mais severos. A criança com TEA tem dificuldade de se adaptar e ter relações com outros, eles também se dispensam com facilidade e apresentam dificuldades de resistência ao aprendizado e a rotina. No entanto podem também apresentar altas habilidades e pontos fortes que determinam suas práticas e situações.

De acordo com Rodrigues:

Parece ser comum entre os autistas que exista um considerável comprometimento dos movimentos das mãos, dos membros inferiores, do tronco e no jeito de sentar, ficar de pé, caminhar. Executam manobras estranhas e complexas com as mãos antes de pegarem objetos ou quando os seguram. É característico caminhar na ponta dos pés e, repentinamente, dar saltos. Alguns inclinam o corpo para os lados, para frente, balançam a cabeça no ar ou giram em torno de si mesmos (2015, p.30).

A criança nasce com autismo e tornar-se um adulto com autismo, a síndrome não escolhe, simplesmente acontece, sem escolher etnia, região ou classe.O autismo pode ser caracterizado por:

- De percepção como, por exemplo, dificuldades para entender o que ouve;

- De desenvolvimento, principalmente nas esferas motoras, da linguagem e social;
- De relacionamento social, expresso principalmente através do olhar, da ausência. Do sorriso social, do movimento antecipatório e do contato físico;
- De fala e de linguagem que variam do mutismo total à inversão pronominal (utilização do você para referir-se a si próprio), repetição involuntária de palavras ou frases que ouviu (ecolalia);
- Movimento caracterizado por maneirismos e movimentos estereotipados (ALVES; LISBOA; LISBOA, 2010, p. 07)

Existem formas mais graves onde crianças com autismo podem apresentar comportamento destrutivo, auto-agressão e forte resistência a mudanças. Há ainda crianças com níveis de inteligência mais preservados, onde é possível observar determinadas habilidades bastante desenvolvidas as quais podem constituir verdadeiros talentos relacionados à sensibilidade musical, habilidades matemáticas, memorização, desenhos e pinturas, dentre outros. (DSMIV-TR, 2002 pág 64-65)

O autismo já não é classificado como doença mental ou psicose como foi no passado, até a década de 70. A utilização do termo doença mental implica que a primeira forma de tratamento é psiquiátrica e a educação teria nesse caso, um papel secundário. Quando denominamos o autismo como uma desordem aguda do desenvolvimento, a educação é a primeira prioridade para o tratamento, somente em circunstâncias excepcionais, o tratamento psiquiátrico também é necessário (Peteers, 1998).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR), publicado pela *American Psychiatric Association*, e o Classificação Internacional de Doenças (CID 10), da Organização Mundial de Saúde, são consoantes ao descreverem o autismo (CUNHA, 2011).

O que mais chama atenção em uma criança com TEA é a falta de interação social percebe-se que ela não tem atenção na aparência humana, ou seja, a própria mãe percebe nos primeiros instantes de vida que a criança não apresenta afetividade no decorrer dos meses, essa característica vai acompanhá-lo a vida toda.

Para diversos autores, a característica da síndrome autista aparece antes dos três anos de idade, como reforça Gikovate (2009, p. 15):

Hoje se considera que as características do autismo podem surgir desde os primeiros meses de vida ou após um período de desenvolvimento em geral após 15 meses de vida (porém, com o início dos sintomas antes de 36 meses). Este é o segundo quadro, no qual houve um período de desenvolvimento aparentemente normal, é denominado autismo regressivo e corresponde a 30% do total de casos. Nos outros 70% não se evidencia uma regressão e os 16 sintomas estariam presentes desde o nascimento, mesmo que tais sintomas só fossem notados como problema após uma determinada idade (GIKOVATE *apud* SANTOS, 2013, p. 25).

O quadro é complexo e desafiador para os educadores que se interessam pelo tema, e apesar dos processos educacionais não produzirem resultados satisfatórios quando ocorrem de forma solitária, sem eles é muito difícil alcançar progressos no desenvolvimento da criança portadora de autismo. Mesmo diante de tanta complexidade, há muitas razões para promover a inclusão dessas crianças. Razões que passam pela evolução de nossas concepções a cerca da deficiência, apoiadas em vários documentos legais e pela importância das práticas pedagógicas.

### **1.3 Modelos de Atendimento**

Pontuaremos os principais tipos de intervenção educacional como: **ABA; PECS; TEACCH.**

ABA Análise aplicada do comportamento, é um tratamento comportamental indutivo, tem por objetivo ensinar a criança habilidades, por etapas, que ela não possui. Cada habilidade é ensinada, em geral, em plano individual, de maneira associada a uma indicação ou instrução, levando a criança autista a trabalhar de forma positiva. A esse método junta-se o uso funcional de figuras de comunicação, conhecido como PECS.

Kearney (2008) descreve o emprego da ABA como uma forma para modificar o comportamento de acordo com a vida real, ou seja, a intervenção deve ocorrer para que a pessoa possa se beneficiar com o que foi aplicado em sua diária. O método, de acordo com o mesmo autor, baseia-se naquilo que é real, observável e mensurável e não com diagnósticos abstratos. Ela consiste em observar de perto o que está acontecendo e como é percebido o resultado da intervenção para que, caso precise, fazer ajustes na intervenção da forma que precisar.

A forma de tratamento mais usada no Brasil é a ABA. “A idéia por trás doABA é transformar comportamentos que no autista são estereotipados em comportamentos que sejam funcionais, quer dizer, que permitam à criança ‘funcionar’ no mundo que a

cerca”, explica Antonio Celso Goyos, do Laboratório de Aprendizagem Humana Multimídia Interativa e Ensino Informatizado (Lahmiei) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. De acordo com Goyos, é essencial que a criança faça, durante dois a três anos pós-diagnóstico, de 30 a 40 horas semanais para que os resultados sejam evidentes.

As técnicas de aprendizado operantes usadas na intervenção da ABA para crianças com TEA são:

- Reforço positivo: uso de prêmio, lanche, comida, brinquedos para aumentar comportamentos desejáveis;
- Moldagem: recompensa por aproximações ou componentes de um comportamento desejável, até que esse comportamento almejado seja alcançado;
- Desvanecimento: redução de instruções para aumentar a independência;
- Extinção: remoção de reforço, mantendo um problema comportamental;
- Punição: aplicação de estímulo indesejável para reduzir problemas comportamentais;
- Reforço diferencial: reforço de uma alternativa socialmente aceitável ou a falta de um comportamento;

Esse tratamento é visto como de primeira linha, principalmente para crianças que possuem TEA no início da infância.

Trazer a criança a um mundo baseado na linguagem verbal e nas relações sociais não é tarefa fácil e depende, e muito, dos pais. “Muitas vezes são os próprios adultos que, por medo, colocam barreiras ao desenvolvimento da criança”. Assim, parte do tratamento começa em casa. Com a devida orientação e treinamento, os pais podem (e devem) trabalhar para estabelecer uma correspondência com a criança, ainda que ela não esteja interagindo com eles plenamente.

O método PECS, Sistema de comunicação através da troca de figuras, foi desenvolvido com o intuito de ajudar crianças e adultos autistas e com outros distúrbios de desenvolvimento a adquirir capacidade de comunicação. Método considerado simples e de baixo custo, e quando bem implantado apresenta resultados inquestionáveis na comunicação através de cartões em crianças que não falam, e na organização da linguagem verbal para as crianças que falam, mas que precisam organizar a linguagem.

Outro método utilizado é TEACCH, tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios da comunicação, segundo Cornelsen (2007), trata-se de uma

intervenção bastante utilizado em todo o mundo, utiliza uma avaliação chamada PEP-R (perfil psicoeducacional revisado) para avaliar a criança, caracterizado como um programa de aprendizado individualizado. Como afirmam Gomes e Silva:

Neste método a programação individual de cada aluno é uma das ferramentas essenciais, pois possibilita o entendimento do que está ocorrendo, propicia confiança e segurança. As dificuldades de generalização indicam a necessidade de rotina clara e previsível. Indica visualmente ao estudante quais tarefas serão realizadas, além de instrumento de apoio para ensinar o que vem antes, o que acontece depois, proporcionando o planejamento de ações e seu encadeamento numa sequência de trabalhos.(GOMES E SILVA, 2007, p.3

O programa TEACCH, de acordo com Nicolas e Medina (2003), possui como principal objetivo, promover a preparação das pessoas dentro do espectro autista a se adaptarem aos contextos ambientais que estão inseridos, preparando as condições familiares, escolares e da comunidade a fim de reduzir a manifestação dos comportamentos desadaptados, para incluir o indivíduo de forma funcional.

O TEACCH é um serviço clínico e programa de treinamento profissional baseado na sala de aula, desenvolvido na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, e iniciado em 1972 por Eric Schopler. Esse programa tem sido amplamente incorporado nos contextos educativos norte-americanos, e tem contribuído significativamente para uma base concreta de intervenções do autismo. A abordagem do TEACCH é chamada de estrutura de ensino porque tem como base a evidência e a observação de que indivíduos com autismo compartilham um padrão de comportamentos, como as formas que os indivíduos pensam, comem, se vestem, compreendem seu mundo e se comunicam. Os mecanismos essenciais da estrutura de ensino consistem na organização do ambiente e atividades de maneira que possam ser compreendidas pelos indivíduos; no uso dos pontos fortes dos indivíduos em habilidades visuais e interesse em detalhes visuais para suprir habilidades relativamente mais fracas; no uso dos interesses especiais dos indivíduos para engajá-los no aprendizado; e apoio ao uso de iniciativa própria em comunicação significativa.

O programa tem por finalidade desenvolver formas especiais para facilitar o convívio e permitir que o autista adquira a capacidade para compreender outras pessoas, promovendo um convívio harmônico, além de incentivar a capacidade para explorar os ambientes e estimular o aprendizado.

Os métodos educacionais desenvolvem a socialização e sobre tudo a linguagem em crianças autistas, sendo a linguagem uma habilidade social, a criança autista tornando-se mais sociável, pode, provavelmente, desenvolvem uma linguagem melhor,

assim como se dá em crianças como desenvolvimento normal, a linguagem, também em crianças autistas, se daria através do intercambio verbal no contexto social.

Assim os métodos educacionais citados acima, ABA, PECS, TEACCH, de cunho visual é de fundamental importância para a aprendizagem do autista, já que para o mesmo o pensamento é fragmentado, e pautado na previsibilidade.

### 3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

É praticamente impossível falar na qualidade de ensino, sem analisar a formação e a prática do professor, pois estas estão fortemente ligadas. Por meio da formação e da prática o professor contribuirá para uma melhor qualidade de ensino, haja vista que são os professores, nas instituições escolares, os agentes responsáveis pela transformação social.

O ideário da reforma do sistema educacional atribui ao professor papel de agente de mudança. Delega a este, não só a responsabilidade em potencial pelas mazelas do ensino escolar, como também o poder de superá-las. Em resposta a essa expectativa, são sugeridas mudanças substanciais no processo de formação de tais profissionais. Na atualidade, tal processo é julgado como ineficaz, e, portanto, precisa ser repensado (OLIVEIRA, 2006).

Faz-se indispensável uma política que possa abranger todos os aspectos necessários para uma formação inicial de qualidade, e que proporcione um acompanhamento contínuo no que se refere à formação continuada dos profissionais da Educação.

Verificando o contexto histórico da formação de professores em nosso país, constata-se que não é dada devida importância ao assunto, sendo tratado muitas vezes, com descaso, pois até então não era exigido um profissional qualificado e muito menos uma educação que explorasse o desenvolvimento da criança em sua totalidade.

Um dos marcos político-legais de abrangência mundial que subsidia a formação docente de educadores para atuação na Educação Inclusiva data de 1994, consistindo na Declaração de Salamanca, onde foram traçadas metas e diretrizes para a inclusão de alunos com “necessidades educacionais especiais” nos sistemas de ensino. Tal documento apregoava a mobilização de apoio de organização dos profissionais de ensino em questões relativas ao aprimoramento de docentes no que se refere às necessidades especiais (UNESCO, 1994)

Segundo Barreto (1994) a formação do professor é reconhecidamente um dos fatores mais importantes para a promoção de padrões de qualidade adequados na educação, qualquer que seja o grau ou modalidade. Sobretudo, destaca-se que mesmo sendo considerado um dos fatores mais importantes, na maioria das vezes não são respeitados esses aspectos se tratando em qualidade de ensino. Considerando que não se exigia um profissional com formação para atuar nas instituições de Educação Infantil, a

presença essencialmente feminina no magistério acaba por fortalecer a ideia de que a mulher possui características importantes no cuidar e educar de crianças pequenas, através de suas experiências com seus filhos, vizinhos, entre outros. Nesse sentido, traçar o perfil das profissionais de Educação Infantil significa levar em conta não só a formação inicial, mas também suas experiências cotidianas e, principalmente, seus objetivos em relação à educação das crianças (PASCHOAL; AQUINO, 2007)

Ainda se tratando de formação, a Política destaca alguns aspectos que merecem atenção, sendo elas:

- Formas regulares de formação e especialização, bem como mecanismos de atualização dos profissionais de Educação Infantil deverão ser assegurados;
- A formação inicial, em nível médio e superior, dos profissionais de Educação Infantil deverá contemplar em seu currículo conteúdos específicos relativos a esta etapa educacional;
- A formação do profissional de Educação Infantil, bem como a de seus formadores, deve ser orientada pelas diretrizes expressas neste documento,
- Condições deverão ser criadas para que os profissionais de Educação Infantil que não possuem a qualificação mínima, de nível médio, obtenham-na no prazo máximo de 8 (oito) anos. (MEC/SEF/COEDI, 1993, apud BARRETO, 1994).

Segundo Paschoal e Aquino (2007), o cuidar e educar são categorias que estão relacionadas à formação inicial do professor, em que a primeira trata apenas do cuidar, visando manter a criança em condições adequadas para o seu bem estar, tais como alimentação, higiene pessoal, entre outras, não se faz necessário a qualificação de um profissional para essa finalidade. Em contrapartida, para educá-lo, espera-se um profissional que tenha formação adequada, visando desenvolver a capacidade cognitiva da criança através de atividades dirigidas. Muitas vezes, até mesmo entre os próprios educadores, há essa distinção entre categorias.

Essas duas concepções de serviço: cuidar e educar, estão relacionadas com a formação inicial da professora, uma vez que se exige pouca ou nenhuma formação para aquela que somente cuida, e exige-se uma formação de maior qualidade para aquela que educa. Em ambos os casos, tanto uma modalidade de atendimento quanto a outra, deixam a desejar, pois, ao priorizarem um aspecto em detrimento do outro, não desenvolvem uma proposta de trabalho integrado junto à criança pequena (PASCHOAL; AQUINO, 2007, p.193)

Desse modo, as instituições de Educação Infantil devem buscar delinear as suas especificidades, sem perder de vista que o trabalho a ser realizado com as crianças deve assumir um caráter de intencionalidade e de sistematização, sem cair na reprodução das práticas familiares, hospitalares ou escolares (CERISARA, 1999).

Assim sendo, todos os profissionais envolvidos com a Educação Infantil necessitam assumir o compromisso de atender todas as necessidades das crianças, bem como respeitar suas diferenças e especificidades, a fim de proporcionar uma educação de qualidade.

Outra questão a ser enfocada é a de que a profissionalização no campo da educação infantil não se dá apenas em função da formação inicial, mas, também, a partir da atuação direta na área, da experiência acumulada, da aprendizagem cotidiana, das interações com os diferentes profissionais e familiares envolvidos. Trata-se de delinear um modelo de profissional que toma sua própria prática pedagógica como objeto permanente de reflexão.

A formação dos profissionais da educação infantil deve proporcionar, além dos conhecimentos teóricos voltados para o desenvolvimento da criança e suas especificidades, também conhecimentos voltados à questão prática, abrangendo estágios na Educação Infantil, bem como nos diversos segmentos da Pedagogia, pois a prática pedagógica tem o objetivo de fornecer aos futuros profissionais a bagagem para uma prática de qualidade.

Por isso, se faz necessária a formação de professores que estejam dispostos a refletir sobre sua prática pedagógica, a fim de torná-la um instrumento que permita a sua reflexão crítica, visando adequar sua prática de acordo com o contexto em que o sujeito está envolvido, bem como aprimorar as metodologias utilizadas em sua prática pedagógica.

A proposta de educação inclusiva surge no cenário educacional como uma nova perspectiva que, além de rever concepções a respeito de ensino, reconsidera a Legislação que a ampara e levanta vários questionamentos acerca do saber e do fazer dos professores, os quais são levados a se questionar a respeito dos saberes necessários para trabalhar com alunos portadores de deficiência e de que forma proceder em relação às dificuldades e potencialidades apresentadas nesse contexto. No caso, considera-se fundamental a formação específica dos professores para trabalhar com a educação inclusiva em diferentes níveis de ensino.

Acredita-se na importância de realizar estudos com discussões sobre a formação docente na medida em que contribuem para a construção do conhecimento referente à inclusão e o professor reflita em suas práticas pedagógicas nas escolas do ensino regular.

A formação e desempenho profissional do pedagogo tornam-se abrangentes referindo-se a sua prática pedagógica, onde o preparo deste profissional requer amplitude, coletividade e interdisciplinaridade, pois o pedagogo deve estar preparado para atuar em dimensões sociais, políticas e culturais.

E, assim, a formação de professores/as é hoje considerada uma “atividade complexa, multireferencial, intencional e institucionalizada” (SANTIAGO, 2009), pois, esta formação está presente numa categoria na área de educação que exige uma análise tanto da teoria, quanto da prática pedagógica. O professor deve desenvolver nos cursos de formação habilidades e competências que possam auxiliá-lo, dando subsídios para a transformação da sala de aula em um lugar atraente e de contribuição para a melhoria de conhecimentos e habilidades cognitivas do aluno.

Nos dias de hoje, temos a plena consciência que para uma criança autista desenvolver suas habilidades e aprendizagem na sociedade, é indispensável que esteja inserida na escola e alcançando a educação inclusiva. Mas devido à formação do professor como já foi discutido acima, não sendo uma formação específica, este deixa a desejar ao ser trabalhado com um autista.

### 3.1 Propostas curriculares do Curso de Pedagogia

Nacionalmente, o currículo do curso de pedagogia vem passando, nos últimos tempos, por uma série de reformulações impostas, primeiro, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394/96 que instituiu o curso normal para formar professor da educação infantil e fundamental I, descredenciando o de pedagogia dessa função; segundo pela Resolução CNE/CP 01/2006 que institucionalizou as novas Diretrizes Curriculares de pedagogia, que reconduziram esse curso para formar professores dos anos iniciais da educação básica, reorganizando essa formação sobre outros pilares, em particular, aquele da epistemologia da prática bastante criticado nos meios educacionais (SCHEIBE, 2007, 2008, 2012; RODRIGUES, KUENZER, 2008)

É evidente que, uma boa formação reflete nas experiências em sala de aula, na atuação docente e para desenvolver métodos pedagógicos adequados, resultantes da mudança de sistemas proposta pela educação inclusiva, é preciso capacitar professores, formados ou em formação, para uma orientação dirigida à educação especial.

Segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), os alunos com necessidades educacionais especiais, hoje denominados pessoas com deficiência, serão atendidos em salas comuns de ensino e, quando for necessário, receberão serviço de apoio especializado no ambiente escolar. O mesmo documento assegura aos estudantes com necessidades educacionais especiais, (pessoas com deficiência) currículos, métodos, técnicas e recursos pedagógicos que contemplem suas necessidades, como também professores preparados para trabalhar com esses alunos com condições adequadas de inclusão.

Nesse caso, docentes com especialização em nível médio ou superior, para atendimento especializado, e do ensino regular, todos capacitados para a integração desses alunos nas classes comuns. Sobre as necessidades de formação dos professores da classe comum, Nozi (2013, p. 38) aponta:

A necessidade de uma formação que proporcione aos professores condições de serem protagonistas de suas práticas pedagógicas de maneira crítica, reflexiva e contextual, a ponto de perceberem que os processos que vivenciam em sala de aula são reflexos de um contexto mais amplo, que envolve, dentre tantas outras questões objetivas, ideologias e utopias, direitos e deveres.

Com isso torna-se necessário que o Curso de Pedagogia ofereça conteúdos e experiências com o processo de conhecimentos específicos em diversas dimensões, especialmente aquelas relacionadas às atitudes, aos saberes teóricos e metodológicos e aos saberes práticos referentes ao saber fazer do professor no contexto da sala de aula.

Goés (2002), ao se referir aos cursos de licenciatura, observa a falta de preparo dos futuros professores com relação à educação inclusiva, o que torna frágil a qualidade da educação para o aluno com deficiência, haja vista a ausência de um trabalho pedagógico que atenda às reais necessidades do aluno deixá-lo à margem do processo de ensino. Assim, a autora aponta como um grande desafio para esses futuros profissionais o desenvolvimento do trabalho em sala de aula com a educação diferenciada necessária para seus alunos especiais.

A docência é uma atividade excessivamente complexa precisamente por basear-se na relação social entre pessoas tão diferentes entre si e com potenciais para diversas áreas e cabe ao professor administrar todas estas complexidades e todos os outros fatores externos a sua sala de aula, mas que interferem substancialmente na sua relação de ensino aprendizagem e formação acadêmica.

## **4 PERCUSO METODOLÓGICO**

### **4.1 Caracterização da Pesquisa**

A presente pesquisa faz parte de uma apresentação de TCC do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba acerca do Autismo na educação infantil a importância e desafios da qualificação do professor.

Este estudo foi realizado por meio de um levantamento bibliográfico e documental junto às ementas do curso de Pedagogia, capítulos de livros da área de Educação, A criança autista e Formação de Professores.

A pesquisa bibliográfica pode ser caracterizada como um tipo de pesquisa que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, as quais permitem ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. As pesquisas científicas que se baseiam na pesquisa bibliográfica têm o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura uma resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Segundo Marconi e Lakatos (2008, p.57), a pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

O foco da nossa pesquisa foi constatar, se o Curso de Pedagogia nos prepara para trabalhar com crianças autistas.

## **4.2 Procedimentos de coleta de dados**

Iniciou-se a coleta dos dados mediante a pesquisa bibliográfica, fundamentada na reflexão de leitura de livros e artigos, sites e revistas. Analisamos as ementas das disciplinas: Psicologia da Educação I, Psicologia da Educação II, Didática, Avaliação da aprendizagem, Teoria do Desenvolvimento I e Teoria do Desenvolvimento II do Curso de Pedagogia, bem como pesquisa de grandes autores referentes a este tema.

## **4.3 Análises de Dados**

Para chegar ao resultado da pesquisa, analisamos os dados do estudo através das ementas de algumas disciplinas do Curso de Pedagogia á luz da compreensão sobre autismo e ausência de informações mais fundamentadas para qualidade do atendimento pelo profissional da Educação.

## 5 RESULTADOS E DISCUSÃO

O curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba tem um fluxograma de 54 disciplinas com uma carga horária de horas/aulas: 3.210 com integração curricular de quatro anos. No presente trabalho abordamos as disciplinas pedagógicas: Psicologia da Educação I, Psicologia da Educação II, Didática, Avaliação da Aprendizagem, e nas Áreas de Aprofundamento Teoria do Desenvolvimento I e Teoria do Desenvolvimento II.

Ementas das Disciplinas:

Disciplina: Psicologia da Educação I

Ementa: Conceitos básicos de Psicologia e Psicologia da Educação. Concepções de desenvolvimento humano segundo as principais abordagens teóricas, em suas dimensões biológica, sociocultural, afetiva e cognitiva. Compreensão da relação entre desenvolvimento e processo educativo. Temáticas inerentes aos universos da infância e adolescência.

Pudemos compreender que a Psicologia da Educação tem suas raízes numa diversidade de pensamentos e concepções filosóficas que, por sua vez, constitui um corpo diversificado de correntes teóricas estudadas e veiculado na educação, até os dias de hoje.

Caberia à Psicologia da Educação promover caminhos que contribuam para o entendimento e a interpretação da diversidade de fenômenos educativos para então buscar proporcionar qualidade no processo escolar.

Dessa forma, poderá contribuir para que o professor desenvolva a capacidade de investigar a própria atividade, para, a partir dela, construir e transformar os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de sua identidade como professor, capaz de atender a todos os alunos.

Disciplina: Psicologia da Educação II

Ementa: O campo da Psicologia Educacional: dimensões e abordagens teóricas. A dinâmica psicossocial da educação: relações entre o sistema e a prática educativa e sua configuração na dinâmica do grupo classe. Concepções de aprendizagem numa perspectiva histórica- crítica: teorias de base empirista, racionalista, construtivista-dialética e suas implicações para a prática pedagógica. Contribuições da abordagem cognitivista para a ação pedagógica com ênfase na psicogênese de conceitos pertinentes á aprendizagem escolar. As teorias, a realidade brasileira e o cotidiano do Educador. Distúrbios do desenvolvimento e da aprendizagem ligados a fatores psicopedagógicos e socioculturais

Compete à Psicologia da Educação contribuir para a formação de profissionais que compreendam os processos de desenvolvimento humano, como também compreendam e aperfeiçoem o processo de aprendizagem, em prol da qualidade do processo escolar.

Constatamos ainda e reconhecemos nesta pesquisa, pelas colaborações de professores e especialistas, que a interdisciplinaridade está relacionada a uma proposta de trabalho pedagógico que visa à qualidade dos resultados, auxilia na integração de conteúdos acadêmicos com o pedagógico e contribui para a compreensão da complexidade educacional em cursos que têm por finalidade a qualidade na formação do docente.

Disciplina: Didática

Ementa: Escola e sociedade. O trabalho do educador. A importância da ação didático-pedagógica. A interação e construção das identidades do professor e do aluno. Peculiaridades do trabalho docente-discente. Os objetivos, conteúdos, estratégias, recursos e avaliação do processo de ensino aprendizagem.

Essa disciplina de conhecimento pedagógico objetiva dar uma formação ampla da área de atuação do professor, bem como de outros profissionais da educação. Dito de

outro modo, o estudo da Didática é essencial ao professor e objetiva que ele compreenda o fenômeno educativo de maneira ampliada e possa tomar decisões adequadas aos propósitos que ele defende.

O fato de o professor ter um papel político não significa que deva fazer doutrinação em sua disciplina. Na verdade, para cumprir bem o papel político o professor deve cumprir o seu papel técnico, ou seja, organizar a disciplina de modo que favoreça a aprendizagem significativa dos alunos, indiferente da sua origem de classe, sexo, raça, entre outros pontos inclusive adotando diferentes estratégias pedagógicas que atenda a diversidade dos alunos.

Disciplina: Avaliação da Aprendizagem

Ementa: A relação educação e avaliação e seus pressupostos filosóficos e sociológicos. Técnicas, instrumentos e propostas alternativas do processo avaliativo em consonância com seus fundamentos. Políticas institucionais de avaliação e seu processo de inclusão e exclusão na escola e na sociedade.

Avaliação não consiste em só avaliar o aluno, mas o contexto escolar na sua totalidade, permitindo fazer um diagnóstico para sanar ou minimizar as dificuldades do processo de aprendizagem, no sentido teórico e prático.

Uma avaliação que busca a transformação social deve ter como objetivo o avanço e o crescimento do seu educando e não estagnar o conhecimento através de práticas disciplinadoras. Ela consiste em verificar o que o aluno aprendeu e se os objetivos propostos foram atingidos e se o programa foi conduzido de forma adequada. Deve representar um instrumento indispensável na verificação do aprendizado contínuo e flexível dos alunos, destacando as dificuldades em determinada disciplina e direcionando os professores na busca de abordagens que contemplem métodos didáticos adequados para as disciplinas.

Disciplina: Teoria do Desenvolvimento I

Ementa: Patologias do desenvolvimento humano. Desvio do desenvolvimento e estigmas. Distúrbios de aprendizagem.

Essa disciplina é de conhecimento Pedagógico, objetiva compreender teórica e metodologicamente o desenvolvimento humano e as práticas de Educação na infância e adolescência, em particular aquelas teorias que dê suporte as crianças que apresentam alguma dificuldade.

Discutindo as fases do desenvolvimento humano de crianças e adolescentes à luz das teorias do desenvolvimento da infância.

Disciplina: Teoria do Desenvolvimento II

Ementa: Fundamentos teóricos do desenvolvimento humano a partir dos estudos de autores da infância e da adolescência.

A disciplina visa identificar e diferenciar as deficiências, suas potencialidades as especificidades dos estudantes com altas habilidade/superdotação, algum tipo de deficiência e com TEA. Compreendendo a dinâmica de atendimento proposta pelo AEE.

O Curso de Pedagogia prepara o professor para trabalhar com criança Autista?

De acordo com as ementas das disciplinas que foram analisadas vemos que as disciplinas não dão um suporte necessário para trabalharmos com crianças autistas, devido à falta de conteúdos que favoreçam no ensino aprendizagem.

Dentre os vários questionamentos a respeito de como educar o autista, vale ressaltar a necessidade de uma adaptação curricular. Tal observação é feita por Suplino:

Penso que para o estabelecimento de uma inclusão efetiva para aluno portadores de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, seria necessário discutir sobre que “suporte necessário à ação pedagógica” se está falando, bem como quais seriam as “adaptações curriculares” necessárias. (SUPLINO, 2009, p. 5)

O professor que conhece seu aluno autista, suas habilidades e seus limites compreendem a necessidade da adaptação curricular. A criança da escola regular aprende naturalmente, tudo favorece para o seu desenvolvimento e aprendizado; para a criança autista, os estímulos precisam ser constantes. Devido dificuldades da vida diária, como vestir-se, banhar-se, amarrar cadarços dos sapatos etc. Um currículo funcional é a melhor opção para o trabalho no dia a dia com o autista, pois vai capacitá-lo para a vida prática, onde o mesmo terá que sobrepor primeiramente suas dificuldades básicas. Construir as competências e desenvolver as habilidades de uma criança com deficiência autista ou não, implica trazer um estímulo de fora para dentro através de técnicas pedagógicas condições estas de aprendizagem que sem uma motivação externa trazida pelo professor a criança sozinha não seria capaz de desenvolver.

Buscamos investigar, portanto, dentro das ementas analisadas, as contribuições de cada disciplina para a formação de professores para trabalhar com crianças autistas e demais deficiências, conscientes da necessidade de contribuir favoravelmente para a formação qualitativa de nossos acadêmicos, futuros professores, a fim de que possam atuar no seu contexto educacional, que traz novas exigências sociais, e sejam capazes de intervir e de contribuir para transformar em algum grau o meio em que vivem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise da pesquisa documental foi possível avaliar que o Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba não prepara os graduandos para trabalhar com crianças autistas. A formação superior, de acordo com as ementas analisadas, não oferece uma disciplina específica para a capacitação desses profissionais. Apesar de existirem algumas disciplinas que no conteúdo programático, os conteúdos passados para o profissional são básicos e com tempo insuficiente para saber de maneira correta a se trabalhar com a criança.

Diante da pesquisa analisada no decorrer desse trabalho, torna-se nítida a compreensão de, que a formação dos professores é um fator de extrema importância no que diz respeito o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de alunos com autismo.

Embora o Curso de Pedagogia não seja restrito a qualificar o profissional para trabalhar com autistas, considera-se com a efetivação das políticas Brasileiras de inclusão (O Estatuto da Pessoa com Deficiência e da Lei Brasileira de Inclusão que determina o acesso e a permanência do autista na escola, seria necessário, que fosse implantada uma disciplina que trabalhasse de forma geral o Autismo, para com isso, fosse possível de os graduandos saírem bem preparados e capacitados para atender as crianças autistas. Portanto, é preciso aprofundar o assunto, pois conhecer essa síndrome requer estudos mais aprofundados e aprimorados, para assim capacitar um profissional, que possa ser capaz de identificar um autista, trabalhar seu desenvolvimento e proporcionar sua inclusão ao meio social.

Neste sentido a preparação do professor para lidar com os alunos com autismo é de suma importância, pois este profissional é um dos principais responsáveis pela construção do conhecimento pedagógico no aluno, bem como, os valores e as normas sociais.

Nessa direção compreendemos a angústia de muitos professores ao receberem a responsabilidade de educar crianças autistas.

Com isso, nossa pesquisa mostra aos educadores que é de suma importância a formação e capacitação de professores para que estes convivam com naturalidade com as divergências dos alunos que encontrará na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO JR. FB, Pimentel ACM. Autismo infantil. Rev. Brasileira de Psiquiatria, São Paulo: 2000.

<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos-cientificos/formacao-de-professores-para-educacao-inclusiva-politicas-publicas-discursos-e-praticas> Acesso em: Dezembro 2016.

BARRETO, A. Introdução: por que e para que uma política de formação do profissional de educação infantil? In: \_\_\_\_\_. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Brasília: MEC, 1994, p.011-015.

CERISARA, A.B. **Educar e cuidar**: por onde anda a Educação Infantil. **Perspectiva**, Florianópolis, v.17, n. Especial, p.11-21, jul./dez.1999.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

<http://claudia.abril.com.br/sua-vida/autismo-os-sinais-dos-2-aos-24-meses-que-os-pais-precisam-observar/> Acesso em: Março 2017.

DSM-5: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre : Artmend , 2014.

GAUDERER, Christian. (1997) **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia prático para pais e profissionais**. Rio de Janeiro: Revinter.

GIKOVATE, Carla Gruber. **Autismo: compreendendo para melhor incluir**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

GÓES, M. C. R. de. Desafios da inclusão de alunos especiais: a escolarização do aprendiz e sua constituição como pessoa. In: GÓES, M. C. R. de; LAPLANE, A. L. F. (Orgs.). **Políticas e práticas da educação inclusiva**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.p.69-91 (Coleção educação contemporânea).

GOMES, Alice Neves, SILVA, Claudete Barbosa da. Software Educativo para Crianças Autistas de Nível Severo. In: 4º Congresso Internacional de Pesquisas em Design, 2007, Rio de Janeiro. Disponível em: < [www.anpedesign.org.br/artigos](http://www.anpedesign.org.br/artigos)> acesso em: 24 de abril de 2017.

**LAMÔNICA**, Dionísia Aparecida Cusin. **Utilização de variações da técnica do ensino incidental para promover o desenvolvimento da comunicação oral de uma criança diagnosticada autista**. Bauru, USC, 1992. (Cadernos de divulgação cultural)

LEBOYER, Marion. Autismo infantil: fatos e modelos. 5ª ed. Campinas, SP, Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. 2001. Acesso em: maio 2017.

NOZI, G. S. Análise dos saberes docentes recomendados pela produção acadêmica para a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013. Disponível em: <[http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2013/2013\\_-\\_NOZI\\_Gislaine\\_Semcovici.pdf](http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2013/2013_-_NOZI_Gislaine_Semcovici.pdf)> Acesso em: 11 Janeiro. 2017.

OLIVEIRA, Z. M. R. Diretrizes para a formação de professores de educação infantil. Pátio educação infantil, Porto Alegre, v. 1, n 2, p. 6-9, ago/nov. 2003.

PASCHOAL, J.D.; AQUINO, O.R. Reconstruindo caminhos e processos relacionados à formação de professoras para a Educação Infantil. In. PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Org.). **Trabalho pedagógico na Educação Infantil**. Londrina: Humanidades, 2007. p. 191-197.

Petersen, C. S., & Wainer, R. (2011). Princípios básicos da terapia cognitivo-comportamental de crianças e adolescentes. In Petersen, C. S., & Wainer, R. (org.), *Terapias CognitivoComportamentais para crianças e adolescentes* (pp. 16-31). Porto Alegre: Artmed.

RODRIGUES, D. Desenvolver a educação inclusiva: dimensões do desenvolvimento profissional. *Inclusão: Revista da educação Especial/Secretaria de Educação Especial*, v.4, n. 2, p.7-16, j./out. 2008). Disponível em: Acesso em: maio 2017.

RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E. *A criança autista: um estudo psicopedagógico*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SUPLINO, Maryse. *Currículo Funcional Natural: Guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental*. 3. ed. Rio de Janeiro: CASB-RJ, 2009.

TUSTIN, F. *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.